

POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA AS RELAÇÕES DE GÊNERO.

GREICE KELLY DE OLIVEIRA

Universidade Presbiteriana Mackenzie – Barueri- São Paulo –Brasil

PAULO CESAR FALCÃO DEFINO

Prefeituras Municipais de Cajamar e de Francisco Morato - Barueri- São Paulo –Brasil

greiceko@yahoo.com.br

I. Introdução

Nas últimas décadas, de maneira geral, tem-se notado maior atenção e preocupação com a questão do gênero em nossa sociedade. Este termo, amplamente utilizado, em sua acepção original, designava indivíduos de sexos diferentes ou "coisas" sexuadas (Larousse apud Heilborn, 1992). Porém, o significado tem se estendido e diferenciado do conceito de sexo, apesar de tê-lo como tema.

Para Appel (1987) gênero representa os aspectos culturais ligados ao sexo, ou seja, é o sexo culturalmente construído.

Enquanto categoria analítica, gênero é uma forma de se referir à organização social das relações entre os sexos. Rejeitando o determinismo biológico, enfatiza as qualidades fundamentalmente sociais das distinções baseadas no sexo. É portanto, uma categoria relacional, que se estabelece entre o masculino e o feminino definindo homens/mulheres uns em relação aos outros (Bruschini, 1992; Sousa, 1994 e Scott, 1995).

Os preconceitos e estereótipos de gênero têm representado entraves para desenvolvimento e bem estar social. Por isso, com o propósito de melhor compreender a complexidade do gênero e suas questões subjacentes, vêm sendo realizados estudos em diversas áreas, tais como antropologia, sociologia e educação.

Na aula de Educação Física, discussões e investigações a respeito também têm se dado de maneira crescente desde o final dos anos 80. Em alguns destes estudos foram destacados argumentos favoráveis à coeducação durante aulas de Educação Física Escolar. mesmo espaço físico e a realização das mesmas atividades), mas principalmente possibilitando a igualdade de oportunidades sem ignorar diferenças individuais de desempenho, motivação, vivência, etc.

Acredita-se ser fundamental a realização de pesquisas que auxiliem na constatação das contribuições da prática coeducativa na Educação Física para a questão.

Com propósito de verificar e comparar efeitos das composições de turmas de Educação Física baseadas no sexo dos alunos (turmas mistas e separadas), Oliveira (2011) investigou alguns aspectos motores e sociais ligados às questões de gênero na Educação Física. Considerando que na referida pesquisa as aulas do período de intervenção foram ministradas por professores contrários à proposta coeducativa, surgiu a necessidade de realizar uma investigação semelhante com professores favoráveis à coeducação.

O presente estudo tem por objetivo investigar as possíveis contribuições da formação mista das turmas de Educação Física para as relações de gênero mediante intervenção realizada por professores favoráveis à coeducação.

II. Metodologia

A amostra foi composta por vinte crianças (dez meninos e dez meninas), na faixa etária de 9 a 12 anos, participantes do projeto de extensão comunitária de uma universidade particular situada na Grande São Paulo. Estes alunos freqüentam duas aulas semanais com duração de 90 minutos cada. Durante este tempo foram oferecidas oportunidades de prática e conhecimento de diferentes atividades físicas, entre as quais futebol e dança adaptados às características e necessidades do grupo. Os temas investigados, considerados como aspectos

sociais envolvendo as relações de gênero, foram: relacionamento com o outro sexo; conceito dos alunos em relação à capacidade do outro sexo na sala de aula e nas aulas de Educação Física; preconceitos e estereótipos de gênero para brincadeiras, atividades e companhia; preferência e pensamento com relação à formação de turmas de Educação Física baseada no sexo. As escolhas dos temas de estudo e dos métodos de coleta e análise dos dados foram baseadas na pesquisa de Oliveira (1996), possibilitando inclusive a comparação entre parte dos resultados de ambos os estudos. A coleta dos dados foi realizada através de entrevista semiestruturada e em duas etapas: teste e reteste. Durante um período de sete meses, considerado período de intervenção, as aulas foram ministradas para turmas mistas com a criação e aplicação de estratégias visando a coeducação e não a coinstrução. A análise das respostas das entrevistas foi realizada considerando tanto aspectos quantitativos como qualitativos, e teve como base alguns procedimentos da análise de conteúdo (Balau, 1981; Bardin, 2004; Lüdke e André, 1986; Richardson, 1989 e Chizzotti, 1991).

III. Resultados

Com relação à categoria **"Relacionamento com o outro sexo"**, foi possível verificar que tanto meninos quanto meninas, em sua maioria, citaram ambos os sexos ao se referirem aos melhores amigos. Tal constatação se deu não só com relação às amizades dentro da escola como fora dela. Ao se referir à companhia para conversar, brincar ou realizar outras atividades, a maioria dos alunos (15) também continuou ou passou (de acordo com teste e reteste) a citar pessoas de ambos os sexos para as atividades realizadas fora da escola enquanto àquelas efetuadas dentro da escola houve empate entre os indivíduos de ambos os sexos e os que possuíam apenas pessoas do outro sexo como companhia.

Estes últimos dados apontam para uma tendência de maior separação entre sexos dentro da escola do que fora dela, confirmando a idéia de Delamont (1986) e a constatação de Oliveira (2011), com relação à configuração da escola como um espaço de segregação das relações de gênero. Por outro lado, levando-se em consideração que nas referências sobre os melhores amigos na escola a mesma discriminação não foi observada, o grupo estudado mostrou-se bastante integrado. Esta amostra do relacionamento positivo entre meninos e meninas vai ao encontro das colocações de Abreu (1990) sobre a possibilidade da convivência harmoniosa, em aulas de Educação Física, desde que estas sejam administradas com alguns cuidados como: tentar desmitificar preconceitos e tratar diferenças e características sexuais sabendo respeitá-las e valorizá-las. Desta forma, talvez se consiga lidar com as diferenças de sexo e gênero sem cometer o equívoco da igualdade incondicional que conduz à concessão do direito de ser diferente (Oliveira, 1991). Veicula-se, portanto, a necessidade de se buscar o paradigma do respeito e valorização da diferença, o que não exclui a descoberta e reconhecimento das semelhanças entre os gêneros.

Sobre a categoria **"Conceito sobre a capacidade do outro sexo"** pôde-se perceber que para as atividades de sala de aula, a maioria (12) dos alunos continuou ou passou a reconhecer pessoas de ambos os sexos como as mais capazes, o que indica a ausência ou diminuição de estereótipos de gênero no tema em questão. Enquanto nesta pesquisa a menor parte (8) dos alunos continuou ou passou a afirmar que são as meninas as pessoas mais capazes na sala de aula, Oliveira (2011) constatou que a maioria dos alunos entrevistados em sua pesquisa consideravam meninas como mais capazes. Possivelmente, o estereótipo do bom aluno como aquele que apresenta o comportamento desejado pelo professor (geralmente caracterizado pela imobilidade e silêncio) estivesse influenciando as respostas destes alunos. As justificativas para tal escolha foram expressadas através de frases como "Porque elas não fazem bagunça e fazem a lição de casa". Segundo Delamont (1986) dentre os estereótipos de gênero ligados à escola, está a expectativa de que as meninas sejam melhores que os meninos, pois acredita-se que o sexo feminino seja naturalmente mais disciplinado e dedicado. Para as atividades nas aulas de Educação Física a grande maioria

(17) dos entrevistados continuou ou passou a reconhecer como mais capazes indivíduos de ambos os sexos. Resultados semelhantes foram encontrados na pesquisa de Oliveira (1996), fornecendo indícios de que o preconceito de gênero entre os alunos pode ser menor ou menos explícito do que reclamam os professores. Estes dados complementam os conhecimentos extraídos do estudo de Abreu (1990) quanto à não consideração da opinião dos alunos no que se refere à escolha pelo tipo de formação. Ainda mais grave é a negação da oportunidade dos discentes conhecerem e participarem das aulas coeducativas que fornecem condições de discutir e solucionar determinados conflitos e afinidades que só podem emergir a partir das relações com pessoas do outro sexo.

Investigando a categoria "**Gênero e brincadeiras**" verificou-se que a maioria dos alunos entrevistados(15) continuou ou passou a afirmar que não existem brincadeiras exclusivas de meninos ou de meninas. Era de se esperar que a intervenção coeducativa efetuada não reforçasse os estereótipos e preconceitos com relação as brincadeiras, por outro lado, os estudos realizados por Oliveira (1996) e Beraldo (1993) indicaram que a maioria dos sujeitos revelou a crença de que há brincadeiras que são exclusivas do sexo masculino ou feminino. Encontram-se na lista brincadeiras só de meninos atividades como: bolinha de gude, pipa, carrinho e futebol, enquanto para as meninas foram citadas: bambolê, casinha e boneca. Beraldo (1993) ainda concluiu que as razões atribuídas à seleção das atividades de acordo com o sexo, referiam-se a maior capacidade masculina enquanto para atividades consideradas femininas a razão apresentada foi a motivação, revelando, assim, enaltecimento das habilidades masculinas.

Quanto ao tema "**Preferência e pensamento sobre a formação das turmas de Educação Física baseada no sexo dos alunos**" foi constatado que houve grande predominância de alunos que já preferiam (15) ou que passaram a preferir (3) turmas mistas.

Acredita-se que o fato de os alunos não se mostrarem aversivos à turma mista após a terem vivenciado, seja um indicativo de que os objetivos coeducacionais possam estar sendo alcançados. Preocupada com esta questão, Delamont (1986) afirma que a educação mista pode ser uma solução incompleta que oferece possibilidade de de exacerbar discriminações e preconceitos de gênero. Em pesquisa de Oliveira (2011), na qual professores que trabalhavam com turmas mistas não eram adeptos à coeducação, foi observado que as opiniões dos alunos ficaram divididas entre a formação mista e a separada por sexo. Mesmo assim, ressalta-se a importância do envolvimento dos professores para que não se corra o risco de coeducar sem coeducar.

Com relação às vantagens da formação mista, a maioria das respostas dos alunos mencionou aspectos como: maior alegria e divertimento; oportunidade de mais amizades e maior aprendizado com pessoas do outro sexo. A maioria dos alunos afirmou não existirem desvantagens em turmas mistas. Dentre aqueles que afirmaram haver desvantagens, grande parte citou as confusões entre meninos e meninas para participação e escolha das atividades

Com relação às vantagens das turmas separadas por sexo as respostas foram diversificadas:

- i) seis alunos não souberam responder ou não foram claros em suas respostas;
- ii) sete alunos não viam nenhuma vantagem em turmas separadas por sexo;
- iii) sete deles relatavam vantagens do tipo: há maior afinidade entre pessoas do mesmo sexo e compatibilidade com relação ao gosto pelas atividades.

Como desvantagem da formação mista, as respostas também ficaram divididas em 3 grupos principais:

- i) grupo que se referia ao fato das aulas "perderem a graça" ou serem mais "chatas";
- ii) grupo que afirmava não existirem desvantagens na formação separada por sexo;
- iii) grupo que não conseguiu responder com clareza a questão. No presente estudo não se verificou ênfase no aspecto do conteúdo estereotipado (especialmente o futebol) representando o maior impeditivo das turmas mistas, como foi constatado na pesquisa de

Oliveira (2011). Esta ocorrência pode ser explicada como reflexo da maior divulgação do futebol feminino ou do próprio trabalho coeducativo desenvolvido no período de intervenção.

IV. Considerações Finais

É evidente a premência de estudos que abordem as relações de gênero também na Educação Física. Todavia, os conhecimentos neles produzidos precisam ser aproveitados, redimensionados e renovados no cotidiano escolar. Trabalhos como o de Abreu (1991) vêm mostrando que os professores não podem mais justificar a separação por sexo pela preferência dos alunos. Na verdade os alunos não são chamados a opinar sobre o assunto e sequer têm a possibilidade de vivência da formação mista. Também é preocupante a falta de intervenções que aproveitem os conflitos e as contradições que surgem nas aulas com turmas mistas para levantar questionamentos e criar alternativas pedagógicas que diluam os principais problemas. É imprescindível que os professores, de maneira geral, conheçam, participem e acompanhem as discussões relativas ao gênero e conseqüentemente à coeducação. Do contrário, corre-se o risco de se continuar com a coinstrução mascarada por discursos de coeducação. As limitações e problemas encontrados na realização de pesquisas devem ser destacados para que soluções possam ser compartilhadas e avanços sejam alcançados.

Nesta pesquisa, dois, dentre os vários problemas encontrados, merecem atenção: a dificuldade de obtenção de respostas claras com relação às perguntas da entrevista e a falta de dados sobre o comportamento dos sujeitos durante as aulas. Talvez o primeiro problema possa ser amenizado através da reestruturação das perguntas e reaplicação da entrevista dias após a primeira entrevista a fim de verificar a coerência e confirmação das respostas. Os segundo problema pode ser resolvido com a observação sistematizada das aulas.

Os resultados desta investigação não permitem conclusões genéricas, porém apoiam as postulações de que as aulas coeducativas de Educação Física podem favorecer as relações de gênero, e fornecem elementos para posteriores discussões e investigações acerca do tema.

V. Referências Bibliográficas

- ABREU, Neíse Gaudêncio. **“Meninos prá cá, meninas prá lá”**. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho, 1990. (Dissertação, Mestrado em Educação Física).
- APPLE, Michael W. Relações de classe e de gênero e modificações no processo de trabalho docente. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.60, p.03-13, fev. 1987.
- BALAU, V. Texto didático: **Reflexões sobre análise de conteúdo e análise de discurso**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1981 (Dissertação, Mestrado).
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3ª ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BERALDO, Katharina E. A. **Gênero de brincadeiras na percepção de crianças de 5 a 10 anos**. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1993. (Dissertação, Mestrado em Psicologia).
- BRUSCHINE, c., COSTA, A. O.(Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo : Cortez, 1991.
- DELAMONT, Sara. **Os papéis sexuais e a escola**. Lisboa: Livros Horizonte, 1985. Coleção Biblioteca do Educador Profissional.
- HEILBORN, Maria Luiza. Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil. In: COSTA, Albertina de Oliveira, BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p.93-126.
- LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- OLIVEIRA, Greice Kelly de. **Aulas de Educação Física para turmas mistas ou separadas**

por sexo? Uma análise comparativa de aspectos motores e sociais. Campinas: Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1996. (Dissertação, Mestrado em Educação Física).

OLIVEIRA, Greice Kelly de. **Relações de gênero nas aulas de Educação Física Escolar:** da co-instrução à co-educação. The FIEP Bulletin, v.81, p.399-403, 2011. Disponível em: <http://fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/200/349> Acessado em: 20/07/2011.

OLIVEIRA, R. D. **Elogio da diferença:** O feminino emergente. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. 150p.

SCOTT, J. **Gênero; uma categoria útil de análise histórica** (versão revisada do artigo publicado na mesma revista v.15, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990). Educação & Realidade. Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, jul/dez, 1995. Tema em destaque: Gênero e Educação.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos à marcha! Meninas, à sombra!** A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1994. (Tese, Doutorado em Educação).

Greice Kelly de Oliveira

Av. Tucunaré 1192, Ap. 71 Bloco C.

Tamboré – Barueri - SP- Brasil- CEP 06460-020

Telefones (11)4193-1880 e (11) 9755-6834

greiceko@yahoo.com.br